

DF Cinema NOITE DOS CANDANGOS

XXXI edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro termina hoje com a exibição *hors concours* do filme *Ação Entre Amigos*, de Beto Brant

A noite de premiação do XXXI Festival de Brasília apresenta (hoje, 20h30, no Cine Brasília) um filme que poderia estar na mostra competitiva: *Ação Entre Amigos*, segundo longa-metragem do cineasta paulista, Beto Brant, autor do festejado *Os Matadores*.

Sua exibição em caráter *hors concours* funciona como compensação para o diretor, que já mostrou *Ação Entre Amigos* numa paralela do Festival de Veneza e em diversos festivais (como Biarritz e Toronto), e o lançou comercialmente no eixo Rio-SP. Ao eliminá-lo da disputa pelo Troféu *Candango* e do robusto prêmio de R\$ 50 mil, a comissão de seleção do Festival argumentou que ele já fora "muito exposto na mídia". Este argumento serviria, também, a *Kenoma*, de Eliane Caffé, que fizera o mesmo circuito de festivais de *Ação Entre Amigos* e já fora lançado no Rio, SP e BH. Neste caso, usaram-se dois pesos e duas medidas.

Beto Brant, 34 anos, preocupado com o lançamento do filme em novas praças brasileiras (aqui, ele estreia comercialmente no próximo dia 23 ou 30), prefere não criar polêmica. Mas deixa entrever que está magoado. "É a segunda vez que o Festival de Brasília me elimina da mostra competitiva. Em 97, *Os Matadores* entrou numa mostra paralela vespertina. Agora, se ganhamos horário nobre, em compensação perdemos a mídia que o Festival deu aos seis selecionados, inclusive as inserções no Canal Brasil, e o direito de concorrer ao prêmio de R\$ 50 mil".

Ação Entre Amigos remexe feridas dos anos de chumbo brasileiros, o período da luta armada. Beto Brant e seu roteirista - o escritor Marçal de Aquino - esperavam que ele fomentasse debate tão caloroso quanto o que cercou *O Que É Isto, Companheiro?*, de Bruno Barreto. Só que a polêmica não veio e as razões para tal são visíveis.

Primeiro: o filme de Bruno Barreto mexeu com personagens reais (Fernando Gabeira e Virgílio Gomes da Silva, o Jonas) mesmo jurando que eram ficcionais. E personagens que estão vivos, pois se entregaram à luta armada no finalzinho dos 60, começo dos 70.

Segundo: o filme nasceu de um best seller (o livro *O Que É Isto, Companheiro?*). Terceiro: o Clá Barreto, que o produziu, é o mais poderoso do audiovisual brasileiro. Quarto: encabeçavam o elenco nomes estelares do olimpo global (as Fernandes Montenegro e Torres, Claudinha Abreu, Pedro Cardoso, Luiz Fernando Guimarães) e um convidado internacional (o craque Alan Arkin).

Ação Entre Amigos não conta com nenhum destes trunfos. Seus personagens são fruto da imaginação de Marçal Aquino. Ficção pura. Partem de retalhos da realidade, mas ganham materialidade como entes essencialmente cinematográficos. Não há um livro famoso por trás da trama. A produtora Sara Silveira (de *A Hora Mágica*, *Alô!* e *Dois Corregos*) não dispõe de cacife semelhante ao de Barretão. Ele já colocou um filme no top da lista de mais vistos do país (*Dona Flor*) e dois na cerimônia do Oscar (*Quatrilho* e *Companheiro*).

Por fim, há o elenco: Leonardo Villar, que faz o torturador de *Ação Entre Amigos*, é um dos maiores atores do país (vide *Matraga* e *o Zé do Burro*, de *O Pagador de Promessa*), mas hoje seu alcance reduz-se à esfera cult. Os outros quatro protagonistas - nomes significativos do teatro paulista, incluindo o Grupo Tapa - não são conhecidos do grande público.

Beto, que acompanhou os lançamentos de seu novo filme no Rio e SP, conforma-se com o número e mostra-se satisfeito com seu desempenho inicial, em especial no Rio, onde vem mantendo boa média. O Caderno 2 converteu com o cineasta:

- Você reclamou muito do lançamento de *Os Matadores*. Em que ele foi diferente do lançamento de *Ação Entre Amigos*?

- Em muita coisa. A Lumiere, em parceria com a Riofilme, cuidou da divulgação e da estratégia de lançamento. Tivemos boa mídia, pré-estreias muito concorridas. Pelo perfil do filme, o desempenho no Rio vem sendo muito compensador. Bruno Wainer, da Lumiere, que conhece o mercado, diz que, hoje, vender 40 mil ou 50 mil ingressos para um longa-metragem como o meu, um filme independente, sem elenco estelar, está de bom tamanho.

- A crítica recebeu *Os Matadores* com mais entusiasmo que *Ação Entre Amigos*. Você percebeu isto? Na sua opinião, qual deles é melhor?

- Não, vou comparar meus filmes. Dei



O ator Leonardo Villar faz o papel do torturador no filme de Brant



Ação Entre Amigos deve ser lançado na cidade até o dia 30 deste mês

aos dois o melhor de mim. E, sinceramente, gosto do resultado de ambos, *Ação Entre Amigos* foi realizado com mais recursos. Já *Os Matadores* trazia um universo pouco conhecido - a região da fronteira entre Brasil e Paraguai. Claro que a crítica avaliou meu novo filme com o olhar de quem vai conferir se aquele estreante acertou a mão em seu segundo trabalho. É a síndrome do segundo filme. Mas, no geral, a crítica foi muito positiva. Alguns, claro, me viram como um curioso, que mete o dedo em assunto desconhecido, não-vivido (a luta armada e suas consequências). Para ser sincero, eu esperava que o filme provocasse polêmica. Afinal, a presença de simpatizantes (ou militantes) da esquerda nos jornais é muito grande. Pensei que a abordagem dada ao filme geraria mais controvérsia. Mas isto não aconteceu.

- Há um aspecto no filme que incomoda. Será que um personagem como o ex-guerrilheiro Miguel, que pegou em armas contra o regime nos anos 70 e hoje é um bem-situado assessor de um parlamentar de esquerda, estragaria sua vida fazendo justiça (matando um suposto torturador) pelas próprias mãos? Este personagem é verossímil? Há algum caso parecido na crônica histórica brasileira?

- Meu personagem tem motivações pessoais para fazer justiça com as próprias mãos. Ele guarda um rancor muito forte

contra *Correia* (Leo Villar), que torturou e matou a companheira dele na vida e na guerrilha. E ela estava grávida dele. Preserva um sentimento muito forte, da mais funda indignação, contra a impunidade. Quando se envolve naquela viagem - a do acerto de contas - Miguel vai perdendo o equilíbrio. Deixa seus compromissos políticos de lado. Se há registro histórico de fato semelhante não sei. A ficção cinematográfica tem autonomia para criar, inventar.

- Você tem mão de bom diretor. Conhece seu ofício. Há no filme dois momentos notáveis. Num, um ex-guerrilheiro retira flores do túmulo da mulher do torturador e as joga no lixo. Noutro, no encontro dos ex-guerrilheiros com o torturador (entre árvores). Leo Villar passa a sua verdade com a profundidade de poucos olhares.

- Podia dizer que eu sou o responsável por estes momentos que você destaca. Mas não. Eles são fruto da colaboração e entrega de meus atores e da equipe de efeitos especiais. A cena do ramo de flores no cemitério foi sugestão do ator Genésio de Barros, o *Oswaldo*. Ao compor o personagem, que acaba sendo socialmente o menos-ajustado, aquele que mostra sinais de perturbação, Genésio entendeu que *Oswaldo* reagiria daquela maneira. Faria o sinal da cruz e jogaria as flores no lixo. Os olhares de Leo Villar são fruto das quali-

dades dele como ator. Eu destaco outra sequência que mostra a força dos atores e entrega total deles aos seus personagens: *Miguel* (Zecarlos Machado) e *Correia* (Leo Villar) na rinha. Os dois cruzam olhares. *Miguel* abaixa os olhos. Eu não mandei que ele fizesse isso. Foi Zecarlos que achou que o personagem agiria daquele modo.

- Você resolve com simplicidade e economia de recursos a sequência do acidente com uma camionete. Este tipo de sequência (com trucagens e efeitos especiais) é um desatino no cinema brasileiro. Como foi a filmagem que resultou tão convincente?

- O acidente foi preparado exaustivamente pela equipe de efeitos especiais. Como nosso orçamento era enxuto, não podíamos errar. Filmamos com duas câmeras. E colocamos uma terceira - que pertenceu a Chico Botelho e nos foi emprestada pela viúva dele, Maria Ionescu - devidamente protegida, dentro da camionete. O que saíria dali, não sabíamos. Só sabíamos que queríamos o ponto de vista da câmera. Usamos procedimento semelhante na cena do helicóptero que joga o corpo no mar.

- Em crítica ao filme, Marcelo Rubem Paiva comentou a inexistência de provas de que, no Brasil, se tenha lançado presos políticos ao mar. Por que recorrer a esta técnica de extermínio?

Filme com trama enxuta

No finalzinho dos anos 60, eles participaram da luta armada, foram presos e torturados. Sobreviveram. Vinte cinco anos depois, estão postos na vida, cada um a seu modo. Miguel assessorava um deputado de esquerda. Quando estão a caminho da pescaria, o assessor parlamentar avisa aos companheiros que descobriu, manuseando fotos de um comício, o rosto do homem que os torturou, 25 anos antes, o delegado *Correia* (Leonardo Villar). Cada um dos amigos reage de uma forma.

Miguel quer fazer justiça com as próprias mãos. Engendrou a pescaria já com o acerto de contas planejado. As relações entre os quatro amigos se tornam tensas. Afinal, o homem marcado pode não ser o verdadeiro delegado. *Correia*, *Miguel* poderia estar procurando um fantasma, mexendo em feridas não cicatrizadas pelos anos.

Em paralelo, o filme reconstrói, em flashbacks, a fase de militância armada dos quatro guerrilheiros (com jovens atores de teatro e a única presença feminina do filme, a jovem guerrilheira *Lúcia* (Melina Anthís)). No desfecho, depois que eles procuram e localizam o delegado *Correia*, o espectador descobre que havia um segredo entre eles. E que este segredo modifica, profundamente, a história vivida de arma na mão, 25 anos antes. O filme, enxutíssimo, dura apenas 76 minutos. A fotografia é de Marcelo Durst, o mesmo de *Os Matadores*. A trilha sonora, de André Abujamra.

- Li sobre o lançamento de presos políticos em alto mar, com helicópteros, num livro argentino. Lá - segundo o livro - se usou esta técnica para desovar cadáveres de pessoas que combateram o governo militar. Mas, no filme, isto é um dado ficcional. E acontece como pesadelo de um dos ex-guerrilheiros. O que nos fascinou foi a carga de angústia provocada pela imagem de um corpo sendo lançado ao mar com um peso que o impediria de voltar à tona. O mar como este cemitério clandestino e definitivo. Mas, repito, no filme tal imagem aparece nos pesadelos de um dos personagens.

- O público tem certa dificuldade em identificar quem, entre os jovens guerrilheiros, é Miguel, Elói, Paulo e Oswaldo na maturidade. Estaria aí uma das dificuldades de identificação do público médio com o filme? Se os atores fossem bem conhecidos, não seria mais fácil?

- Poderia ser, mas contrariaria um dos fundamentos do filme. Eu quis trabalhar com grandes atores, alguns dos melhores do teatro paulista, mas que não fossem conhecidos do grande público. Isto porque meus quatro personagens são rostos anônimos. São guerrilheiros que não ficaram famosos. Reconheço que há certa dificuldade de identificação.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO
Da Equipe do Jornal de Brasília